



O EVANGELHO DA COMPAIXÃO DIANTE DO DESAFIO DE INCLUSÃO DOS HOMOAFETIVOS

The compassion's gospel before the challenge of homoafetive's inclusion

Vicente Ricardo Ferreira Leite*

A
R
T
I
G
O



* Pastor batista há 22 anos. Graduando em Teologia, especialista em Psicopedagogia, mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (FABAPAR). Além disso, é professor e coordenador acadêmico da Faculdade Batista do Cariri.

Contato:
pr.ricardoleite@gmail.com

RESUMO:

A questão de como fazer o evangelho chegar as pessoas que, na conjuntura social, são marginalizadas, ainda se projeta como uma sombra tentando eclipsar a proclamação das boas novas a estes grupos a exemplo dos homoafetivos. O próprio Jesus obrigou-se a quebrar este roteiro costumeiro do convívio social ao relacionar-se com pessoas de reputação duvidosa. Pessoas que no contexto social judaico não tinham oportunidades de envolver-se com a comunidade religiosa, e foram recebidas por Jesus, acentuando o fato de que o evangelho é voltado a conduzir o indivíduo ao relacionamento com Jesus. Em outras palavras, não é a mudança que leva ao relacionamento com Cristo, mas o relacionamento que leva a mudança.

Palavras-chave: Evangelho; Compaixão; Homoafetivos.

ABSTRACT:

The question of how to get the gospel to people who are socially marginalized, still projects like a shadow trying to eclipse the proclamation of the gospel to these groups, such as homoafectives. Jesus forced himself to break this customary script of social interaction by relating to people of dubious reputation. People who in the Jewish social context had no opportunity to get involved with the religious community of their day, were received by Jesus, emphasizing the fact that the gospel is aimed at leading the individual to a relationship with Jesus. In other words, it's not change that leads to the relationship with Christ, but the relationship that leads to change.

Keywords: Gospel; Compassion; Homoafectives.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor”. (Mt. 9.36).

Será que se pode dizer que o homem está avançando, evoluindo? Será que o homem está mais humano? As pessoas estão mais equilibradas, mais adaptadas à vida, prontas para enfrentar as grandes lutas que este século impõe? De um lado, a ciência e a tecnologia avançam a passos largos. Em pouco tempo muito foi conquistado. Mas sobre a humanidade, pode-se dizer o mesmo?

Um simples olhar ao redor ou a visualização dos noticiários, evidencia um ser humano desorientado. Cada vez mais, as pessoas estão cheias de ocupações, nunca realizaram tanto, mas ao mesmo tempo, sentem que precisam de algo mais. Elas tentam realizar esta busca em dezenas de coisas, como o trabalho, a família, a educação, e até mesmo nas drogas. São indivíduos buscando desesperadamente algo em que se agarrar.

Estes anseios estavam presentes também nos dias de Jesus. Os homens procuravam algo que lhes desse sentido na vida. Religião, trabalho e família eram as respostas principais às suas inquietações. E, da mesma maneira, não era difícil vê-los Tateando, como quem procura algo para se firmar. É neste contexto que Jesus é apresentado, ler os evangelhos remete o leitor a um indivíduo diferenciado, um homem equilibrado, com o mais alto senso de humanidade, envolvendo amor em tudo quanto fazia, procurando relacionar-se genuinamente com todos ao seu redor, independente de classe social, cor, raça ou gênero. Sua conduta reportava-se ao mais alto nível de moralidade e ética, sendo reconhecido até pelos inimigos como alguém justo e honrado¹.

1 – A RELAÇÃO DE CRISTO COM AS MINORIAS DE SEU TEMPO

Jesus aproximava-se das pessoas com o firme propósito de conduzi-las para fora destas angústias e ansiedades, seus olhos avistaram a mesma multidão que a liderança judaica contemplou, mas houve uma gigantesca diferença entre o olhar de Jesus e o dos

¹ Em Lucas 23.4 Pilatos afirma não encontrar em Jesus qualquer dolo que o fizesse réu.

líderes religiosos do Seu tempo. Estes olhavam as pessoas e imediatamente as rotulavam, legando-as ao destino que tal rótulo lhes conduzisse. Jesus, ao contrário, olhava para as pessoas com olhos cheios de compaixão, esta visão alterava a perspectiva, levando-O a ver além do exterior, e até além do estereótipo. Ele se aproximava delas para fazer mais que ajudá-las materialmente, para resgatá-las², para conduzi-las a uma vida realmente plena³.

Este ministério da compaixão é passado a seus discípulos, deles seria a responsabilidade de perpetuar este novo modelo de olhar para a pessoa humana. E não somente deles, mas de cada discípulo de Jesus após eles. Os seguidores de Jesus deveriam olhar as pessoas com o mesmo olhar, distinto olhar, que via além das roupas, das posses, da aparência e da religiosidade. Era um abraço aberto a todos os que estivessem cansados, sobrecarregados, a todos os que estivessem procurando alívio inutilmente⁴.

O ministério da compaixão era amplamente inclusivo. Todos eram bem-vindos, exceto aqueles que não se viam necessitados. Os autossuficientes, os orgulhosos, os arrogantes, os que se auto justificavam não tinham espaço nem lugar, mas todo o pecador reconhecedor de sua carência espiritual que procurava Jesus, era recebido.

Ele recebia mulheres de reputação duvidosa, publicanos, samaritanos⁵, e todos que estivessem à margem da sociedade, desassistidos por aqueles que deveriam conduzi-los no bom caminho. Todos tinham um lugar junto a Cristo, era um ministério de compaixão, de reconciliação, um ministério de resgate e renovação, que transformava aqueles por ele assistidos.

Este ministério é passado de geração a geração. Os seguidores de Jesus Cristo ainda têm esta missão a cumprir, e a questão é: está sendo cumprida? Estariam os pastores, os líderes religiosos, os cristãos, os discípulos de Cristo de modo geral, cumprindo esse

² João 8.36 - Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres (ARA).

³ João 10.10 – “O ladrão vem somente para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (ARA).

⁴ Mt 11.28 – “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (ARA).

⁵ Lucas 7.37-39; 5.27; João 4

papel? Quem são os marginalizados de nosso tempo? Quem, hoje, faz parte do grupo posto a margem do sistema religioso?

Sem demora pode-se elencar vários grupos: órfãos, viúvas, prostitutas, presidiários, viciados e pessoas de orientação homoafetiva. A igreja precisa estender o ministério da compaixão a cada um deles. É verdade que alguns destes grupos tem recebido maior atenção, a exemplo de orfanatos, asilos, casas de recuperação e grupos de auxílio presentes na maioria das cidades com presença da igreja de Cristo. Mas, ainda há muito a fazer para diminuir a distância entre a igreja e os grupos ainda marginalizados.

Atualmente, é no contexto homoafetivo que se encontra o maior desafio. Como fazer deste grupo objeto de compaixão? Como ajudar estes indivíduos a buscarem refúgio em Cristo, e encontrar nele o refúgio e a libertação dos pecados? Que caminhos têm sido propostos com a finalidade de ajudar, acolher e restaurar pessoas pecadoras como quaisquer outras a andarem em fidelidade e compromisso com Cristo?

2 – HOMOAFETIVOS E O SISTEMA TRADICIONAL

A história tem apresentado uma perspectiva diferente a cada dia quando o assunto é homoafetividade. Pessoas com orientação sexual diferente do tradicional têm sido alvo de perseguições, violência e discriminação que por muito tempo foram indivíduos legados aos guetos, procurando esconder-se em ambientes por eles criados com a finalidade de encontrar um espaço de liberdade. Geralmente, estes espaços ficavam em ambientes escondidos, em lugares discretos, e nestes ambientes eles conviviam de modo invisível.

Com o passar dos anos, esta situação vem mudando de maneira perceptível, uma vez que a sociedade do século XXI tem observado o avanço do homoafetismo e tem reagido a este de maneiras diversas. Olhando da perspectiva do tradicionalismo, encontramos uma reação que se alinha ao ensejo de manter as estruturas sociais nos moldes da continuidade, que entendem a família como formada pela união entre um homem e uma mulher, e que todo relacionamento sexual deve ser mantido nesta base.

Ruy Laurenti (1984, p. 1), professor titular do Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da USP (FSP/USP) e Diretor do Centro da OMS para a Classificação Internacional de Doenças (Centro Brasileiro de Classificação de Doenças),

FSP/USP, tem demonstrado que na primeira metade do século XX os homoafetivos eram tratados como pessoas doentes. A condição na qual eles se encontravam era produto de uma patologia a ser tratada. Por essa razão, era uma doença classificada no catálogo internacional de doenças – (Classificação Internacional de Doenças – CID). Esta visão de homoafetividade perdurou oficialmente até 1973, quando a Associação de Psiquiatria Americana (APA) retirou a homoafetividade de sua lista de problemas patológicos (DALLAS, 1998, p. 83). Não obstante, a psicanálise ortodoxa ainda considera o ser homoafetivo como doente. Sobre isso, Wunibald Müller afirma:

São sobretudo os psiquiatras da linha psicanalítica que consideram a homossexualidade em si como uma doença. Via de regra eles partem da suposição básica de que a heterossexualidade representa a norma biológica, portanto de que todas as pessoas são heterossexuais, a não ser que ocorra alguma perturbação. (...) essa perturbação pode, por exemplo, assumir a forma de um medo oculto em relação ao outro sexo. (...) Já que se considera este medo como irreal e inadequado, vê-se nessa adaptação, isto é, na homossexualidade, algo de doentio (MÜLLER, 2000, p. 10).

Temos um impasse profundo no que se refere ao diagnóstico médico da questão homoafetiva. Isto porque a decisão de retirar o homossexualismo da lista de doenças não foi uma decisão técnica, nem está baseada em nenhum estudo científico ou mesmo sobre conhecimentos clínicos, antes, foi uma decisão arbitrária embasada tão somente em questões de natureza política (MÜLLER, 2000, p. 9). As constantes investidas e a forma ativa e barulhenta com que a militância homoafetiva lutou para ter seu registro retirado desta lista de classificação foi a razão básica para sua exclusão.

Este impasse tem causado situações constrangedoras, pois uma vez que a decisão foi tomada unilateralmente, os profissionais de saúde se veem obrigados a alinhar suas convicções clínicas à decisão do Conselho, ainda que nenhuma razão médica lhes seja oferecida. Somado a isto, temos a decisão do Conselho Federal de Psicologia proibindo aos psicólogos de “tratar” homoafetivos por causa de sua homoafetividade. Este fato já trouxe algumas páginas jurídicas, pois não demorou para psicólogos serem alvo de processos por tratar de pessoas com esta orientação sexual que buscavam seu auxílio⁶.

⁶ Por exemplo, a psicóloga Marisa Lobo teve sua licença profissional cassada em 23 de maio de 2014 pelo Conselho Regional de Psicologia do Paraná acusada de oferecer a “cura gay” a seus pacientes, fundamentada por dogmas religiosos. (<http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2014-05-23/psicologa-que->

Do ponto de vista das relações sociais a homoafetividade também tem avançado. Já não estão mais legados aos guetos; ao invés disso, andam livremente e exibem sua orientação sexual orgulhosamente, podem ser vistos nas praças, restaurantes, shoppings, e em qualquer outro lugar público, contando até com um evento anual de amplo impacto, a “Parada Gay” de São Paulo, subsidiada pelo governo federal. Estão ocupando cargos públicos e privados sem nenhum impedimento dado a sua opção sexual⁷. Assim, conquistam dia-a-dia o direito de coexistir em um mundo anteriormente marcado pela heterossexualidade como único padrão aceito.

Entre suas conquistas está o reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo. Em 14 de maio de 2013 o Supremo Tribunal Federal – STF – determinou aos cartórios que se realizasse uniões estáveis, para não dizer casamento, entre pessoas do mesmo sexo. Isso concedia ao indivíduo direitos civis até então somente concedidos aos casais heterossexuais legalmente casados ou com união estável reconhecida, aqueles que estão vivendo juntos a mais de cinco anos.

Entretanto, a intolerância de poucos ainda persiste, cenas de horror acontecem frequentemente em que grupos de indivíduos, aproveitando-se de superioridade numérica, atacam vítimas indefesas, não poucas vezes tirando-lhes as vidas, movidos pela ignorância e pelo preconceito, causando um desserviço à sociedade e promovendo posições radicais dos dois lados. Um exemplo do radicalismo no extremo oposto é a proposta de lei da homofobia, que quer tornar crime até mesmo as opiniões expressas que não coadunam a perspectiva homoafetiva.

As mudanças produzidas pelas reivindicações das militâncias homoafetivas ainda não foram suficientes, porém, para produzir uma aceitação inquestionável do modelo de família, a posição tradicional ainda é constituída por um homem e uma mulher. Por maior

propunha-cura-gay-tem-registro-cassado-no-parana.html). Esta decisão, porém, foi anulada pela Justiça Federal no dia 6 de novembro do mesmo ano, por entender que o Conselho não está acima da constituição que garante liberdade de expressão e religião a todo cidadão brasileiro. (<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/justica-anula-cassacao-de-psicologa-acusada-de-oferecer-cura-gay-efwfc6ynim1lv5q4rvx76kwge>).

⁷ Podemos citar os deputados Clodovil e Jean Willys como exemplo de como os homoafetivos tem conquistado espaço na sociedade moderna.

que seja o espaço conquistado até agora, o modelo tradicional de família ainda é o que aponta um relacionamento heterossexual.

Da perspectiva religiosa, encontramos igrejas bastante dispostas a receber membros de orientação sexual homoafetiva. Igrejas como a Comunidade Metropolitana (Metropolitan Community Church), tem se espalhado ao redor do mundo. Sua proposta é acolher toda comunidade homoafetiva (gays, lésbicas, bissexuais e transexuais), antes renegada pelas igrejas e denominações tradicionais. Só a referida Comunidade Metropolitana já espalhou mais de trezentas congregações em pelo menos vinte e dois países, contando com um rol de quarenta e três mil membros⁸.

As igrejas tradicionais, por sua vez, estão fechadas a receber membros com essa orientação sexual. Se algum homoafetivo quiser tornar-se membro de alguma delas, antes, precisará comprovar seu afastamento das práticas da homossexualidade, e passar a viver de maneira adequada à convicção bíblica exposta, a qual coloca a heterossexualidade como normativa. Não há espaço para releituras ou novas interpretações daquilo que as Escrituras ensinam sobre sexualidade e qualquer forma que difira deste padrão é pecaminosa.

Voltando a pergunta na introdução deste tópico, será que a forma tradicional com que a igreja tem trabalhado este tema reproduz de maneira adequada o que o olhar de compaixão para com os excluídos deve fazer? Estaria havendo diálogo suficiente entre igreja e homoafetivos? Se não estiver havendo diálogo, sua falta constitui uma forma de auxílio adequado para que os excluídos consigam visualizar o amor de Deus por elas? Haveria outra maneira de diálogo entre estas duas partes?

3 – HOMOAFETIVIDADE E A LIBERDADE POR IMPOSIÇÃO

Será pedir muito um tratamento diferenciado, que recupere os longos anos de perseguição sofridos pelos homoafetivos? Seria merecido que a sociedade como um todo

⁸ Fundada nos Estados Unidos por Troy Perry, reverendo expulso de uma denominação pentecostal omitida em seu histórico, por ser homossexual, em 1968. (<http://mccchurch.org/overview/history-of-mcc/> acessado em 28/08/15).

reestruture seus padrões para que a pessoa de orientação sexual voltada para pessoas do mesmo sexo tenha um ambiente que lhe proporcione tudo quanto desejar? Certamente, estas perguntas teriam respostas diferentes dependendo de a quem elas forem feitas. Se a um fundamentalista, todas as questões seriam respondidas com um assertivo “não”. Se, por outro lado, tivéssemos um militante homoafetivo, haveria um sonoro “sim”. O que fazer para que haja respeito e aceitação mútua num mundo de diferenças que, por vezes, parece irreconciliável? Será que o caminho da compaixão que a igreja precisa deve ser imposto externamente?

Em um mundo que registra mais de sete bilhões de habitantes, a sociedade encontra-se num processo de ditadura de minorias em que os padrões sociais são invertidos para que possa haver um acolhimento a grupos menores, exceções ao padrão da maioria e nesta tentativa de igualar os direitos, desequilibram-se os deveres. Estas minorias ficam desobrigadas das regras que têm norteado a boa convivência das majorias por décadas, quiçá, séculos. Por exemplo, a constituição federal diz, e a boa convivência apoia, que os símbolos de importância religiosa sejam respeitados, independentemente de sua crença. Quem não lembra do episódio do pastor Sérgio Von Helder chutando um símbolo Católico Romano e a repercussão causada? Num estado de direito, respeita-se a religiosidade do próximo, mesmo quando não é a nossa, mas parece haver uma licença velada para que a militância homoafetiva profane os símbolos cristãos, patrocinada por aqueles que deveriam ser os baluartes da constituição.

A compaixão ao homoafetivo tem sido exigida na oferta de cirurgias de troca de sexo. Enquanto milhões de brasileiros sofrem nas longas e desgastantes filas em busca de tratamento cirúrgico que lhes darão maior qualidade de vida, para não dizer mais tempo de vida, a militância homoafetiva exige que a sociedade pague cirurgias de mudança de sexo até de adolescentes, independentemente da vontade dos pais⁹. É argumentada a necessidade de devolver a dignidade, pois o corpo está na alma errada. E o que dizer das mães, não teriam elas o direito de ter cirurgias plásticas das mamas pagas pelo Estado, afinal, após amamentar, sua autoestima é comprometida ao verem suas mamas afetadas pela força da gravidade. E o que dizer do careca? Teria que receber tratamento para

⁹ Lei de identidade de Gênero - PL 5002, proposto pelos deputados Jean Wyllys (PSOL/RJ) e Erika Kokay (PT/DF).

implante de cabelos, afinal, sua dignidade caiu na mesma medida dos seus cabelos. Se algum coerente levanta esta questão e tenta colocar as coisas na ordem correta, o que se escuta é a palavra de ordem da militância: homofobia!

Socialmente, a compaixão tem sido também imposta quando algo mais que a presença do homoafetivo nos diversos meios de convívio social é aceita, bem como o respeito e a dignidade da pessoa humana lhes são dispensados. Mais uma vez, há regras que normatizam a utilização de lugares públicos impostas a todas as pessoas. Todos, exceto aos homoafetivos, ao que parece. Por exemplo, o respeito a ambientes públicos, que leva casais heterossexuais a serem discretos e comedidos nas carícias, tendo ou não indicativos mais libidinosos. Se alguém faz menção de alertar que sejam mais discretos, o coro se forma declarando a palavra de ordem: homofobia!

O cenário religioso não é diferente dos demais. Das igrejas é exigido que acolham o homoafetivo independentemente da interpretação bíblica que aquela igreja possua. Procura-se impor relacionamentos que deveriam ser construídos pela compaixão e não pela imposição. Nas palavras de Dom João de Aviz¹⁰, “o cristianismo não tem de crescer por imposição, mas por atração” (LOPES, 2015, p. 15. Relacionamento feito por imposição não é relacionamento, é constrangimento, que certamente trará consigo mais dissabores que prazer, o que se procura de respeito e de aceitabilidade por parte do mundo homoafetivo não pode ser conquistado pela violência, mesmo que institucionalizada.

Isto parece claramente não ser o caminho da compaixão que o evangelho propõe, até porque perfaz o caminho inverso. O universo homoafetivo procura sua aceitabilidade por força de imposição. Quem sabe devido a alguma falha no processo de diálogo estabelecido pela igreja? Será que o sentimento do indivíduo homoafetivo é exatamente o mesmo, sentindo que lhe é imposto um padrão do qual não há disposição para assumir? Existe, porventura, alguma outra abordagem neste diálogo? Há algum ponto de equilíbrio que possa conciliar posições tão distantes, embora partam do mesmo princípio de imposição? Escolheria Jesus alguma destas duas posições? Pela maneira como os

¹⁰ Dom João de Aviz é cardeal da Igreja Católica Romana. Catarinense, deu entrevista a *Revista Veja* de 8 de abril de 2015, falando sobre a necessidade de amar o pecador como resgate da compaixão que deve ser marca da igreja de Cristo.

Evangelhos O apresentam, é bem provável que Ele surpreenderia a ambos os grupos ao não trilhar nenhum dos dois caminhos.

4 – HOMOAFETIVIDADE E O EVANGELHO DA COMPAIXÃO

Envolver-se com pessoas de comportamento diferente do socialmente aceito provoca que sentimentos no ser humano? Conviver com tais diferenças não parece ser um caminho fácil, apesar do pluralismo cultural de um mundo globalizado. Para muitas pessoas o diferente é repulsivo, principalmente quando seus atos fogem ao que é definido como natural. A pessoa de comportamento homoafetivo tem lidado com isto ao longo da história, e é certo que ainda terá que conviver com um olhar lateral¹¹ em muitos contextos, inclusive no contexto religioso.

Nos dias de Jesus, este olhar lateral estava presente nas diversas interações sociais. De um lado, gentios e publicanos eram tidos como a escória da sociedade judaica. Pessoas flagradas em pecado eram marcadas e marginalizadas em seu convívio social. A segregação social envolvia até mesmo pessoas que eram acometidas de doenças, sendo elas muitas vezes excluídas e condenadas a viverem fora da conveniência da cidade, em lugar geralmente separado exclusivamente para pessoas com problemas semelhantes¹². Esta abordagem volta-se ao questionamento inicial, fazendo lembrar como Jesus olhou a multidão. Seu olhar compassivo e gracioso, mirava aos olhos da alma, vendo muito além do exterior, a ponto de ser impactado pelo desespero de corações aflitos, procurando motivação para vida. Ele nunca abandonou ninguém, mesmo os socialmente excluídos.

Interessante é observar que o evangelho da compaixão muda o foco inicial. Ele não começa com a ideia de rotular alguém como bom ou ruim, vil ou justo, antes de qualquer rótulo, se vê um sentimento profundo direcionado ao próximo. Este conceito se explica a partir da origem do termo, que literalmente fala das entranhas, das vísceras (MOULTON, 1978, p. 373), onde estaria o centro das emoções, local onde seriam produzidos sentimentos profundos como ira, ansiedade, medo e amor, inclusive. Partindo

¹¹ Por olhar lateral quero dizer um olhar de ombros. Um olhar que une, ao mesmo tempo, desprezo e reprovação.

¹² A exemplo dos leprosos.

desta noção, compaixão é mais que piedade simplesmente, antes, é uma emoção comovente que surge no lugar mais íntimo do ser humano, levando-o a agir em prol do objeto de suas emoções (BARCLAY, 2009). Assim, ter compaixão é, antes de tudo, o colocar-se à disposição de envolvimento com o objeto em questão, é ir até ele, é tornar-se a diferença na vida dele.

O sentimento de compaixão sempre motivou Jesus a interagir com o pecador apesar de seu pecado. Não o vemos constrangido em dividir a mesa com pecadores, nem de estender a mão a leprosos, ou de livrar uma adúltera das mãos de seus algozes. Numa frase Ele explica a razão: eu vim “buscar e salvar o perdido” (Lc 19.10). Para realizar satisfatoriamente esta tarefa, Ele está disposto a estender a mão a qualquer pessoa que se veja necessitada. Qualquer um que o buscar encontrará pronto socorro e providencial ajuda para vencer as lutas travadas. Foi assim com os dois cegos, com a mulher cananeia, com o endemoninhado geraseno, com o jovem possesso e com o cego de Jericó; todos eles buscaram Jesus que se compadeceu deles, e foi até eles, criou pontes para o amor de Deus, e resgatou o perdido. Esta tarefa agora compete a seus discípulos.

O evangelho da compaixão deve funcionar como um ímã atraindo o metal ao seu redor. O amor proveniente da alma do cristão é o fator primário que leva as pessoas no mundo a procurarem a Jesus. Quando se ama, genuinamente se fala a linguagem de Jesus, e só é possível fazê-lo porque seu amor foi apresentado primeiro. De modo que o discípulo de Jesus o faz por experiência de causa. Ele está pronto para estender a destra da compaixão porque já foi objeto da mesma. Assim, quando o pastoreio chega ao homoafetivo, chega não mais como detentores da pureza e como os guardiões da verdade e santidade, antes, chega a eles como iguais, pessoas imperfeitas as quais Jesus ama, e se ofereceu por sacrifício. Chega-se a eles como indivíduos que também um dia chegaram sujos e rejeitados, e encontraram compaixão em Jesus Cristo. Seus braços estavam abertos para nos receber, para nos tratar as feridas, para nos limpar e compartilhar seu amor.

É esta a grande diferença. Enquanto se tem como alvo primário mudar a conduta do homoafetivo para encaixá-lo nos padrões religiosamente aceitos, o evangelho da compaixão tem como alvo primário apresentar o indivíduo a Cristo. A mudança propriamente dita é legada a uma posição secundária, que ocorrerá quando um alvo bem mais alto é buscado: conhecer, amar e andar com Jesus (DAVIES; RENTZEL, 1997, p.

36). Mais uma vez se vê uma mudança no foco: não se está atrás de reproduzir padrões ou na conduta normatizada socialmente; mas, quando se observa o relacionamento com Jesus, o foco é lá em cima, no alto, mais precisamente em Jesus. O andar com Cristo leva às mudanças necessárias na vida, não só no comportamento, mas no caráter, na atitude e nos valores. Esta mudança não se consegue sozinho, mas é uma “aventura cooperativa entre Deus e nós mesmos pela força do Espírito Santo” (DAVIES; RENTZEL, 1997, p. 37).

Portanto, o propósito do evangelho da compaixão não é trazer pessoas à presença da igreja. Não se intenciona a agremiação de pessoas ao rol de membros de uma associação. Antes, é levá-las à presença de Deus, através de Cristo Jesus. É conduzir alguém a participar de um relacionamento com Deus, e usufruir deste relacionamento desfrutando do amor que esta parceria traz. Este andar com Deus faz com que o indivíduo, por Ele assistido, comece a dispor sua vida para se adequar ao Seu padrão. Esta tarefa, contudo, não é feita de forma solitária e isolada, o próprio Deus fornece as condições necessárias para que o indivíduo que anda em Sua presença esteja na condição adequada. Foi precisamente por isto que Cristo morreu, para que pecadores possam ter suas feridas curadas e seus pecados lavados pelo sangue do cordeiro.

E quanto a igreja, qual o papel dela? Vários, e bastante importantes. Primeiro, ela é o meio tangível pelo qual a pessoa sentirá o amor de Deus. Enquanto a compaixão motiva o homem a ajudar outro, é o amor que produz a compaixão. A Bíblia apresenta esta verdade com exemplos claros, como o fato de Deus amar “ao mundo de tal maneira”¹³ e entregar seu filho por compaixão para com pecadores. Ou ainda, ilustrada pela parábola do bom samaritano, onde um homem é violentamente atacado por assaltantes, e deixado quase morto a beira da estrada. Alguém ao passar, compadeceu-se de sua situação e o ajudou.¹⁴ A encarnação de Jesus proporcionou um meio tangível de

¹³ João 3.16 (ARA) – “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira, que deu seu filho unigênito, para que todo aquele que nele crer, não pereça, mas tenha a vida eterna”.

¹⁴ Lucas 10.30-37 (ARA) – “Jesus respondeu com uma história: “Um certo judeu que fazia uma viagem de Jerusalém para Jericó foi atacado por bandidos. Estes tiraram suas roupas e seu dinheiro, bateram nele e o deixaram caído meio morto ao lado da estrada. Por acaso, passou um sacerdote judaico; quando ele viu o homem caído ali, atravessou para o outro lado da estrada e passou de longe. Certo judeu ajudante do templo fez a mesma coisa; também deixou o homem caído ali. Porém veio um desprezado samaritano, e quando o viu, sentiu grande pena da vítima. Ajoelhando-se ao lado dele, o samaritano passou-lhe remédio nas feridas e fez curativos. Depois colocou o homem em seu jumento e foi andando ao lado dele até chegarem a uma

sentimos o profundo amor de Deus, da mesma forma como o auxílio do samaritano proporcionou ao cidadão assaltado.

Segundo, ela é o exemplo concreto do que o relacionamento com Deus pode fazer. Pessoas de todos os tipos e dramas, com seus desvios e pecados, reunidas pela compaixão do Senhor, e transformadas através deste relacionamento¹⁵. Vidas que foram resgatadas de um sistema aprisionador, que mantinham seus praticantes subordinados a permanecerem escravizados por tais práticas, mas agora transformadas, libertas dos mais diversos males, são testemunhas vívidas do agir de Deus e do seu efeito libertador, possibilitando a qualquer um, que queira ser ajudado, o ambiente de pessoas que passaram pelas mesmas lutas, nas mais diversas áreas.

Terceiro, intimamente relacionado ao segundo, proporciona um ambiente de apoio e amparo. Sabe-se que lidar com padrões de comportamento não é a coisa mais simples de se mudar. Práticas repetidas por anos estão consolidadas na rotina do indivíduo, de sorte que qualquer mudança demandará um exercício consciente e disciplinado. Não é raro ocorrer recaídas, e quando isto acontece, o sentimento de frustração e derrota se instala. Neste momento, a igreja apresenta o incentivo e o amparo necessários para não desistir da caminhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o evangelho da compaixão é diferente em tipo e em foco dos modelos polarizados que se apresentam no cenário religioso atual. De um lado, a estrutura tradicional que procura adequar pessoas a seu padrão, independentemente de ter ocorrido um encontro transformador, pessoal e salvífico com Cristo. Do outro lado, aqueles que

hospedaria, onde cuidou dele durante a noite. No dia seguinte entregou ao dono da hospedaria duas moedas e lhe pediu que cuidasse do homem. 'Se a conta dele for além disso', disse ele, 'eu pagarei a diferença na próxima vez que passar por aqui'. Ora, qual destes três você diria que foi o semelhante da vítima dos bandidos? " O homem respondeu: "Aquele que mostrou alguma compaixão". Então Jesus disse: "Sim, agora vá e faça o mesmo".

¹⁵ 2 Coríntios 5.17 (ARA) "E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas".

afirmam não haver necessidade de nenhuma mudança ou adequação a Deus, pois sua preocupação é voltada para nossas almas.

O evangelho da compaixão, por sua vez, procura apresentar ao homem um relacionamento com Deus, e não uma proposta de mudança de comportamento decorrente de uma adequação social. A mudança que ocorre, ocorre por força deste relacionamento, e é consequência dele, não é o relacionamento que ocorre por conta da mudança, mas exatamente o contrário. De modo que, quando este relacionamento ocorre propriamente, as mudanças são realizadas de dentro do indivíduo para fora. Primeiro muda-se o coração, os valores, o caráter, para então mudar os hábitos, o comportamento. O evangelho que despreza esta dinâmica atribui o papel transformador à força da convenção e não da conversão.

REFERÊNCIAS:

BARCLAY, William. **Palabras griegas del Nuevo Testamento: su uso y significado**. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, Equipo Internacional E-Sword, 2009. (Arquivo digital).

DALLAS, J. **A operação do erro: o movimento gay cristão**. 1ª edição. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

DAVIES, Bob, e RENTZEL, Lore. **Deixando o homossexualismo: uma nova liberdade para homens e mulheres**. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

GALANI, Luan. **Gazeta do Povo: Justiça anula cassação de psicóloga acusada de oferecer “cura gay”**. <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/justica-anula-cassacao-de-psicologa-acusada-de-oferecer-cura-gay-efwfc6ynim1lv5q4rvx76kwge>. Acessado em 28/8/2015.

LOPES, Adriana D. O pecador é para ser amado. Em **Revista Veja**, edição 2.420, ano 48, nº 14, de 8 de abril de 2015.

MOULTON, Harold K. **The analytical greek lexicon revised**. Grand Rapids: Zondervan, 1978.

MÜLLER, Wunibald, **Pessoas homossexuais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ODIA. Psicóloga que propunha ‘cura gay’ tem registro cassado no Paraná. <http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2014-05-23/psicologa-que-propunha-cura-gay-tem-registro-cassado-no-parana.html>. Acessado em 28/08/2015.

REV. SAÚDE PÚBLICA. Homossexualismo e a classificação internacional de doenças. LAURENTI, R. Vol. 18. São Paulo.